

VISÃO DO CORREIO

Além de medalhas, políticas públicas

O Brasil festejou, neste fim de semana, mais uma vitória no mundo dos esportes. Os atletas com deficiência trouxeram 89 medalhas — 25 de ouro, 26 de prata e 38 de bronze — nas Paralimpíadas de Paris 2024. Um resultado inédito que levou o país ao top-5. Mais uma vez, uma atleta negra teve um papel importante para tornar real o sonho de todos. A carioca Tayana Meireis conquistou o ouro, ao bater o recorde de levantar 156kg, na categoria de até 86 quilos do halterofilismo.

A delegação brasileira contou com 255 esportistas, formada por representantes de todos os estados do país. Das 27 unidades da Federação, 19 conquistaram medalhas. Otimista e entusiasmado, o presidente do Comitê Paralímpico Brasileiro (CPB), Mizael Conrado, por meio de sua assessoria de comunicação, declarou que “o Brasil, agora, precisa só olhar para frente, porque o caminho da evolução e do desenvolvimento está traçado. O futuro é promissor”.

Nem tudo depende da CPB. O maior centro de treinamento (CT) dos atletas com deficiência está em São Paulo. As instalações são de primeira linha (indoor e outdoor) que permitem treinamentos, competições e intercâmbios de atletas em 20 modalidades paralímpicas.

Em outros estados, também há centros de treinamento. Na capital da República, o CT, inaugurado em 2016, é visto como um dos centros de excelência no Brasil e na América Latina, e um dos melhores do mundo, com 95 mil metros quadrados de área construída. Em Minas Gerais, o CT paralímpico de alto rendimento funciona

na Universidade Federal (UFMG), que atua na formação de atletas, de recursos humanos e desenvolvimento de pesquisa, com financiamento do governo federal.

Na comparação com a repercussão das Olimpíadas de Paris, as paralimpíadas não têm grande espaço nos veículos de comunicação. Os atletas não exibiam nas camisetas publicidade de empresas do setor privado, que seriam suas patrocinadoras. Além disso, os meios eletrônicos também não exaltam as vitórias conquistadas pelos participantes. De modo geral, a reclamação de vários atletas por mais apoio das entidades públicas e privadas faz sentido. Eles entendem que essa ausência de amparo tem a ver com preconceito social em relação aos deficientes — um comportamento bem próximo ao capacitismo.

Os desafios colocados na trajetória dos atletas paralímpicos não diferem muito dos que são de alto rendimento. Entre eles, poucas oportunidades, dificuldade de acesso à alta tecnologia do esporte, visibilidade na mídia e patrocínio. As lesões esportivas também preocupam e muitos antevêm que enfrentarão problemas quando mais velhos e sem aposentadoria. Como sobreviver?

A indagação precisa de uma resposta do poder público — Executivo e Legislativo — principalmente para os paralímpicos. Eles demandam políticas públicas mais efetivas e amparo do Estado. Não basta trazer medalhas ao país, o reconhecimento não pode se restringir a aplausos, mas em ações que garantam a todos qualidade de vida, quando não mais puderem viver do atletismo.



RONAYRE NUNES
ronayrenunes@dabr.com.br

“Pé de chinesa” e a comunicação

Pé de chinesa é um daqueles termos que mostram a complexidade das redes sociais. Enquanto é um viral para alguns internautas, é seguro dizer que sequer chegou aos ouvidos (ou telas) de outras pessoas. Mas além da dicotomia sobre a popularidade, o termo — ou título — se tornou um verdadeiro estudo de caso para os amantes da comunicação (como este que lhes escreve).

A ideia é simples: Pé de chinesa nada mais é do que o título de uma novela. Até aí tudo bem. A grande curiosidade é que trata-se de um folhetim completamente inventado — e cultivado — nas redes sociais. Explico. Raphael Mertens, 35 anos, deu o pontapé inicial nessa “ficção” contemporânea. Em entrevista ao jornal *O Estado de S. Paulo*, o jornalista contou que a ideia surgiu durante um período desempregado, em um fórum da Pandlr (um site de debates voltado ao entretenimento). Martens detalha que apenas fez o típico da “fic” (apelido para história fictícia) e a “trama” de *Pé de chinesa* seguiu internet afora. “Viralizou e todo mundo lá começou a criar coisas”, diz.

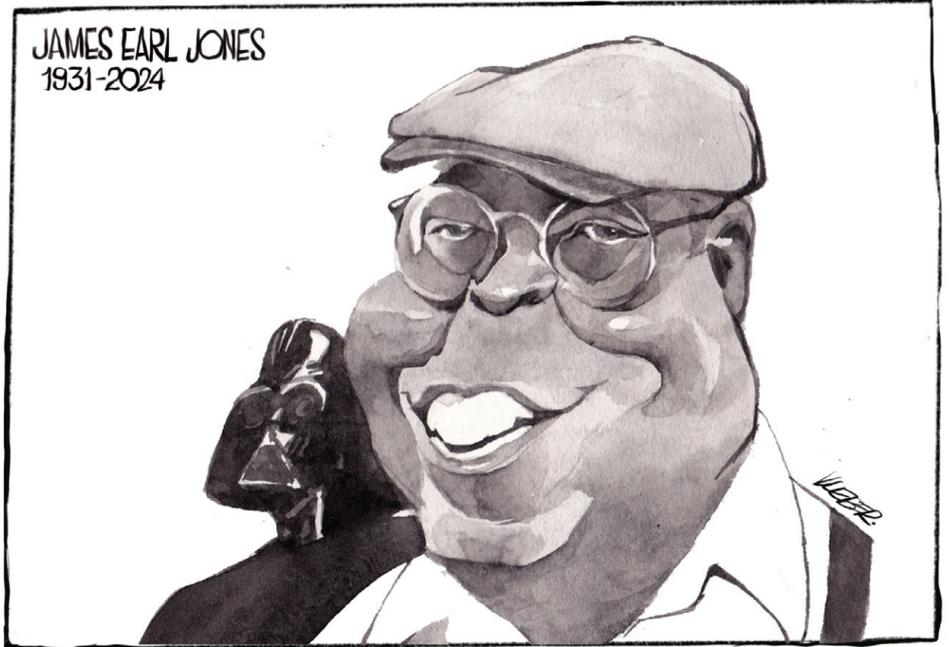
De internauta em internauta, *Pé de chinesa* logo ganhou “vida”, com uma autora, atores (muito bem escalados, por sinal), trilha sonora, locações e tantos outros detalhes. Recentemente, a trama inventada recebeu a abertura ao som de uma composição original (*Samba do dragão*) e uma boa dose de inteligência artificial.

Apesar de *Pé de chinesa* ter uma

parcela de devaneio (e tempo livre) por parte dos envolvidos na construção de cada peça da trama, nem tudo se resume a uma loucura de rede social, pelo contrário. O tom humorístico da novela fictícia (vide o crédito de Juju do Pix como Fo Fao) embala uma crítica assertiva ao entretenimento, como a presença de influencer tomando o protagonismo em novelas e o histórico de estereótipos desse tipo de produção.

Além do deboche e do sarcasmo, *Pé de chinesa* também reflete uma forma de comunicação (atenção à palavra “comunicação” e não “discurso”) muito singular e pouco detalhada: a comunicação da internet — que vai além das redes sociais. Todos nós falamos na internet, isso é óbvio, mas, nesse mundo digital, ainda existe uma outra forma de comunicação, que não tem um monopólio, pelo contrário, esbanja democracia. Contudo, é também uma comunicação que não é “de todos”, mas reflete a voz de muitos.

Quando o teórico da comunicação Marshall McLuhan ponderou o popular “o meio é a mensagem” ainda na década de 1960, talvez ele pouco sabia sobre fóruns de entretenimento, influencers atores ou estereótipos em novelas. Mas a ideia de meios de comunicação como um alongamento ou uma extensão das pessoas ressoa até hoje e ajuda um pouco a explicar como Pé de chinesa prospera de uma completa invenção, até se tornar algo tão completo quanto qualquer outro folhetim das 21h.



» Sr. Redator

» Cartas ao Sr. Redator devem ter, no máximo, 10 linhas e incluir nome e endereço completo, fotocópia de identidade e telefone para contato. E-mail: sredat.dabr.com.br

Eixão do lazer

Eixão do lazer foi criado para que todos pratiquem esporte. Comércio é ilegal. Não são justas manifestações políticas, vendas de qualquer bebida ou comida sem que se pague pelo espaço. Peças teatrais, conjunto musicais e outros não é permitido. Que se pague pelo uso. Asa Sul e Asa Norte tudo residencial, e domingo é um dia para descanso dos moradores. Som alto, postos de gasolina tomados por carros estacionados, eixinhos com carros estacionando onde não é estacionamento. Brasília cresce muito desordenadamente... Não vamos confundir lazer (atividade física) com bagunça. Lixo por todos os gramados. Quem quer comer ou beber alguma coisa que vá até o comércio — sempre aberto aos domingos.

» **Maurício Veríssimo**
Brasília

Eixão 2

O Eixão do Lazer existe há 30 anos. Agora, surgiu uma onda para reclamar da ocupação de um dos espaços mais democráticos da cidade — mais até do que o Congresso. No Eixão, famílias, amigos, artistas, pobres e ricos, pretos e brancos se encontram, divertem-se, têm acesso às mais diversas expressões de arte e entretenimento. Mas se for bom para uma boa parcela do povo, está na hora de acabar. O importante é evitar que as pessoas tenham momentos de alegria, pois todos têm que ficar tristes e agressivos. Os pobres devem ser empurrados para a miséria, pois não podem ganhar um trocado como ambulantes. Na cabeça dos autoritários, pobre com dinheiro no bolso não é bom. Vai que ele monte um bom negócio e passe a ter um boa vida. Isso não é bom, pois, se assim for, quem vamos oprimir? A ceileuma em torno do Eixão do Lazer é, sem dúvida, uma mostra do mal desempenho das autoridades. A periferia do DF está cheia de reais problemas sociais, mas o que importa é acabar com lazer gratuito das pessoas que frequentam o Eixão.

» **Giovanna Gouveia**
Águas Claras

Eixão 3

Com satisfação, li e reli, bem como, retransmiti a diversas pessoas sensatas o excelente artigo, da coluna *Opinião*, do jornal *Correio Braziliense*, sob título *Por um Eixão do Lazer com cultura, harmonia e respeito a moradores*, na edição deste domingo, admirado por todos nós que nascemos ou fomos criados desde os anos 1960, nesta nossa querida capital. Nossa Brasília, coração do nosso Distrito Federal, carinhosamente chamada de nosso Quadrado, sempre foi e é reconhecida pelo exercício da cidadania, do respeito, do cumprimento de regras. Não podemos perder essa qualidade em razão da insistência dos que migram para Brasília e, de maneira incivilizada, querem nos nivelar por baixo às suas regiões de origens que, por sua vez, deveriam evoluir e buscar alcançar a civilidade do Distrito Federal. Aqui, temos respeito ao silêncio, à privacidade dos cidadãos, ao contribuinte, inclusive, às faixas de pedestres (nosso patrimônio), enfim, somos civilizados. O senhor Ricardo Pires, em seu elogável artigo, sintetizou a essência do brasileiro, do candango, de quem gosta e respeita o DF, e que luta para que não seja destruído a golpes homopáticos. Elaboro esta mensagem com o

Desabafos

» Pode até não mudar a situação, mas altera sua disposição

A região central de Brasília, à noite, é terra de ninguém! A iluminação é tão insuficiente que é difícil identificar algo além de faróis de veículos. Quem trabalha nas proximidades do Eixo Monumental e utiliza transporte público, coloca a vida em risco sempre.

Leda Maria Freitas — Brasília

As eleições estão pegando fogo. Corrigindo: as eleições estão botando fogo.

Abraão F. do Nascimento — Águas Claras

Hoje, 10 de setembro, é mais do que especial: são 52 anos do primeiro título do Brasil na Fórmula 1, de Emerson Fittipaldi.

José R. Pinheiro Filho - Asa Norte

O agronegócio deveria ser um aliado do Ministério do Meio Ambiente e da Polícia Florestal no combate aos incêndios criminosos. Sem terra o agro perde o negócio.

Joaquim Honório — Asa Sul

objetivo de parabenizar a oportunidade do nosso *Correio Braziliense* dada ao autor que foi muito feliz na exposição de sua opinião, à qual corroboramos e, peço aos(as) senhores(as) editores(as) do *Correio* que recebam meus sinceros agradecimentos e, sobretudo, façam chegar ao autor do artigo, Ricardo Pires, as nossas felicitações e agradecimentos por nos representar na essência da sua opinião expressada.

» **Marco Aurélio Aguiar Barreto**
Brasília

Desencontro

Todos nós somos sabedores que, no Brasil, quem tem dinheiro e comete crimes de maior potencial não ficam presos por muito tempo. Infelizmente, no Brasil, os crimes cometidos pelos contraventores, milicianos, corruptos e corruptores nunca vão acabar. Pelo o contrário, a tendência é só aumentar, porque quando um criminoso que tem dinheiro é preso, logo é liberado, não dando tempo dele esquentar a cela para onde foi encaminhado. Para dar um basta nas liberações desses criminosos, as nossas autoridades do Judiciário, que condenam e punem os infratores, têm que se organizar melhor e falar a mesma língua. Assim evitarão os desencontros entre juízes: um manda prender o criminoso endinheirado, e o outro determina a soltura.

» **Evanildo Sales Santos**
Gama

CORREIO BRAZILIENSE

“Na quarta parte nova os campos ara
E se mais mundo houvera, lá chegara”
Camões, e, VII e 14

GUILHERME AUGUSTO MACHADO
Presidente

Leonardo Guilherme Lourenço Moisés
Vice-Presidente executivo

Ana Dubeux
Diretora de Redação

Valda César
Superintendente de Negócios e Marketing

VENDA AVULSA
Localidade SEG/SÁB DOM

DF/GO R\$ 4,00 R\$ 6,00

Assine
(61) 3342.1000 - Opção 01 ou (61) 99966.6772 Whatsapp

* Preços válidos para o Distrito Federal e entorno.

Consulte a Central de Relacionamento (3342-1000) ou (61) 991.58.8945 Whatsapp, para mais informações sobre preços e entregas em outras localidades, assim como outras modalidades e formas de pagamento. Assinaturas com forma de pagamento em empenho terão valores diferenciados. Aquisição de assinaturas para atendimento de demanda de licitação é sob consulta. Preços válidos para até 10 (dez) assinaturas por CPF ou CNPJ.

Anuncie
Publicidade: (61) 3214.1339 ou (61) 99555.2585 Whatsapp
Publicidade legal: (61) 3214.1245 ou (61) 98169.9999 Whatsapp
Classificados: (61) 3342.1000 ou (61) 98169.9999 Whatsapp

ASSINATURAS*
SEG a DOM

R\$ 899,88

360 EDIÇÕES
(promocional)

S.A. CORREIO BRAZILIENSE - Administração, Redação e Oficinas Edifício Edison Varela, Setor de Indústrias Gráficas - Quadra 2, nº 340 - CEP 70610-901. Rede Interna: 3214.1078 - Redação: (61) 3214.1100; Comercial: (61) 3214.1339 ou (61) 99555.2585 Whatsapp.



Endereço na Internet: <http://www.correioweb.com.br>
Os serviços noticiosos e fotográficos são fornecidos pela AFE Agência Estado e DA Press. Tel: (61) 3214-1131

DIÁRIOS ASSOCIADOS DA

DA Press Multimídia
Atendimento pessoalmente para pesquisa em jornais e cópias:
SIG Quadra 2, nº 340, bloco I, Subsolo - CEP: 70610-901 - Brasília - DF de segunda a sexta, das 9h às 18h.

Atendimento para venda de conteúdo:
Por e-mail, telefone ou pessoalmente: de segunda a sexta, das 9h às 22h/
sábados, das 14h às 21h/ domingos e feriados, das 15h às 22h.
Telefones: (61) 3214.1575 / 1582 / 1568.
E-mail: dapress@dabr.com.br Site: www.dapress.com.br